

## **Matéria “Psicologia e direitos humanos”**

Entrevista com a psicóloga **Cristina Rauter** (CRP 05/1896), doutora em Psicologia Clínica e professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

### **1) Como você vê a relação entre Psicologia e direitos humanos?**

A expressão “direitos humanos” é problemática porque esses direitos são definidos em função de uma democracia que deveria existir. Prefiro falar em termos de violência, dos efeitos da violência e o que o psicólogo tem a ver com eles. Os psicólogos geralmente lidam com a questão do sofrimento psíquico, então, com certeza, têm a ver com os vários tipos de violência. Por exemplo, os agentes do Estado que praticam violência em instituições, hospitais psiquiátricos, prisões etc. Então, esse tipo de violência praticado por agentes do Estado e seus efeitos são vieses interessantes. Eu, por exemplo, trabalho com atingidos por este tipo de violência. Mas, por outro lado, sempre temos que considerar que não é só o psicólogo que resolve isso. É uma questão política, social. O psicólogo até fica em um lugar difícil, porque muita coisa é colocada para ele resolver, mas ele pode muito pouco.

Então, para acreditar que existem direitos humanos dentro da ordem democrática, é preciso acreditar na democracia. Mas em que democracia? Essa que está aí? A democracia burguesa? Fica uma ficção muito grande achar que existiriam direitos humanos, que eles estariam dados em algum lugar, em alguma legislação internacional que garantiria esses direitos. Então, acho que isso implicaria em acreditar que há alguma maneira de garantir esses direitos internacionalmente, privilegiando-se a via jurídica. Coloco em questão exatamente a possibilidade de igualdade dentro dessa ordem democrática burguesa.

Então, a expressão “direitos humanos” vem daí, dos que crêem na democracia burguesa. Mas acho que, às vezes, usamos a palavra estrategicamente. Por exemplo, “defender os direitos humanos dos presos”, coisa de que nenhum carcereiro gosta. Então, ainda é uma palavra de ordem, muitas vezes, estratégica.

### **2) Como isso afeta o cotidiano profissional dos psicólogos, nos diversos campos em que atua?**

A violência está presente no campo social como um todo. Pesquisei muito tempo sobre psicólogos em prisões e, também, sobre a violência praticada por agentes de Estado na época da ditadura militar, atendendo pelo Grupo Tortura Nunca Mais. Então, essas são as minhas duas experiências.

Hoje em dia, há uma banalização da palavra “violência”. Pode-se falar em violência tanto quando se está falando de trânsito quanto de tortura, por exemplo. E são coisas muito diferentes. A forma como localizamos a violência tem a ver diretamente com como vemos esse trabalho politicamente. Porque o trabalho do psicólogo diz respeito sempre a um aspecto político - a política está envolvida diretamente por ele trabalhar com produção de subjetividades, o que é algo político por natureza. Então, ele também fica colocado nesse lugar, que é um lugar político.

Atualmente, cada vez mais, o tipo de vida que vivemos no capitalismo é um tipo de vida na qual nós somos aparentemente livres – até temos “direitos humanos”, podemos procurar a qualquer momento um advogado, porque somos cidadãos. Mas, ao mesmo tempo, estamos sendo controlados sem saber, quando, por exemplo, somos induzidos ao uso de diversos tipos de medicamentos para viver ou com a presença da mídia ostensiva da mídia produzindo e reproduzindo hábitos de consumo, injetando o medo e a insegurança em nosso dia a dia.

O psicólogo hoje está em uma situação muito interessante – ele recebe demandas de todas essas áreas. Embora não vá resolver tudo, ele está situado em um lugar politicamente interessante para intervir.

**3) Muitas vezes, vemos os direitos humanos sendo banalizados na mídia e no senso comum, como quando se diz que “os movimentos sociais só defendem direitos humanos para bandidos”. Como você vê essa situação? A Psicologia pode contribuir de alguma forma nesse ponto?**

Isso é outro problema. O Brasil é uma sociedade muito violenta que não quer parecer violenta. Então, aqui se diz que “o brasileiro é cordial”, “é da paz”. Por exemplo, quando o Supremo Tribunal Federal (STF) votou contra a solicitação da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) de que fosse revista a Lei da Anistia, muita gente falou em nome da concórdia - “temos que deixar isso tudo para trás, isso já faz muito tempo”. Ouvi até que era “da natureza do brasileiro perdoar”. Mas isso não é uma qualidade, é um tipo de covardia, de submissão, que é colonial - nós fomos um dos últimos países do mundo a abolir a escravidão. Isso já diz muito sobre violência no Brasil.

A atitude da sociedade quanto aos que cometem crimes também é muito marcada por essa herança escravista. No Brasil, considera-se que os pretos e pobres são os que cometem crimes. Então, eles não podem ter direitos, não são vistos como sujeitos de direitos, como pessoas. É parecido com a forma como se viam os escravos. Há pessoas que são invisíveis, a sociedade não vê - a dita “boa sociedade” é capaz de tropeçar num mendigo no meio da rua e não ver. Uma vez, tive uma experiência muito interessante, que me ensinou muito sobre isso. O Antonio Lancetti, um psicanalista de São Paulo, uma vez foi na praça que há perto da UFF, ande vamos muito para almoçar. Nunca nos chamou à atenção a existência de meninos de rua nessa praça. No dia em que ele foi, ele nos mostrou. Os meninos de rua se aproximam dele – e se aproximam dele porque ele os vê, olha para ele. E nós, que estamos ali todos os dias, não vemos. Então, para nós, não há. Foi preciso ele vir aqui para vermos quantos meninos de rua havia na praça. E isso com gente, como eu, que se acha consciente.

Então, são mecanismos inconscientes que fazem com que a sociedade brasileira haja assim. Tudo o que se faz em prol dos presos, qualquer melhoria básica de condições carcerárias, a população quase se revolta, a mídia pede que não haja os mesmos direitos para bandidos. Há um discurso de que “se fosse um trabalhador honesto, tudo bem”. Isso tudo são características da sociedade brasileira. E acho que o psicólogo pode ajudar, principalmente o psicólogo que trabalha em prisão - por exemplo, trazendo essa realidade da prisão para ser mais discutida. A melhor atuação que o psicólogo prisional pode ter é essa, é publicizar, é trazer para a sociedade qual é a realidade das nossas prisões - e que, com isso, a sociedade não possa fazer de conta que não está acontecendo, quando há uma delegacia com superlotação, com presos dormindo no chão etc.

Acabei de terminar a orientação da dissertação de mestrado do psicólogo gaúcho Luiz Eduardo Ferreira, que teve oportunidade de ir a uma delegacia onde, depois, fez uma peça com os próprios presos de lá, denunciando as péssimas condições carcerárias. Então, o psicólogo está tendo acesso a esses locais. Isso é uma coisa boa, muitos estão partindo para essa atuação de denúncia, de defesa dos direitos humanos, de mostrar para a sociedade essa violência que está entranhada. Por um lado, a sociedade se vê como pacífica, mas, por outro, se ligarmos o noticiário, parece um “bang-bang” - é uma notícia atrás da outra de violência, de morte. Como pode se sustentar essa fala de que o brasileiro é cordial, de que devemos esquecer o passado?

Freud tinha um amor muito grande pela verdade. Ele dizia que tudo o que fica na escuridão cresce, tudo o que não é trazido à tona, o que não é revelado, tende a piorar. Isso é uma coisa que aprendemos estudando psicanálise, essa necessidade de vencer certas hipocrisias, de falar

daquilo que realmente nos aflige. Acho que os psicólogos acabam tendo essa função de trazer muitas coisas à tona.

#### **4) Falando especificamente sobre a tortura, de que formas ela ainda está presente em nossa sociedade?**

Só esse fato de os presos dormirem amontoados – eles se organizam para dormir cada um virado para um lado –, às vezes anos, é tortura. Um passa mal, chega ao ponto de os outros matarem. O caso que está na peça da dissertação desse meu aluno é assim: um dos presos começa a passar mal com vômito e diarreia e os outros matam. Imagina uma pessoa com diarreia numa cela dessas! Então, é um nível de insuportabilidade que leva a que coisas inimagináveis aconteçam. Isso já é tortura.

Mas tortura também é o que acontece nas delegacias policiais, por exemplo. Ela se dá da forma mais escandalosa no cotidiano, com certeza de não haver punição, porque é aceito como regra, dependendo de quem seja torturado, claro. Mas a tortura no Brasil é muito generalizada. Os efeitos são esse assujeitamento, esse entristecimento de quem passa por ela. Há uma autora que fala em “perda de fé na humanidade”. Quem passou pela tortura perde um pouco da fé que tinha na humanidade, uma espécie de decepção. É uma experiência extrema. A recuperação depende muito da capacidade de a pessoa recomeçar sua vida e, a partir daí, ter chance de acreditar novamente em alguma coisa. Tem muito a ver com a militância, por exemplo. Quem foi torturado na época da ditadura e que pôde, apesar de tudo, continuar sendo militante, de alguma forma não se submeteu, não viveu esse entristecimento a tal ponto de se paralisar depois.

Mas acredito que o preso comum torturado tem menos condição de ter essa atitude de sair da submissão, da resignação. Alguns naturalizam isso. Uma vez ouvi uma fala de meninos de rua que dizia o seguinte: “quando a polícia bate, é melhor, porque é sinal de que não vai matar”. Então, pelo visto, quando tortura, também é melhor do que quando mata. São realidades muito difíceis. O preso comum não acredita que haja alguém para denunciar. Ele geralmente não denuncia porque não confia em ninguém. Ele, muitas vezes, vai viver aquela experiência e será mais uma marca que vai produzir um assujeitamento. Nem sempre é submissão, o resultado pode ser o de torná-lo mais delinqüente do que era antes, agravando seu processo de exclusão social.

#### **5) Essas questões dos direitos e da violência aparecem na formação do psicólogo?**

Muito pouco. Na UFF, até que estive presente enquanto a Cecília Coimbra esteve dando aula, ou Lilia Lobo. Eu e alguns outros professores prestamos bastante atenção nisso e procuramos discutir, mas não é uma coisa muito presente na formação do psicólogo. Deveria ser mais. Hoje em dia, está mudando muito, mas existia um divórcio muito grande entre o que aprendia na faculdade e a realidade brasileira - só se começava a chegar à realidade quando ia estagiar. Mas acho que isso está mudando.

#### **6) Isso teria a ver com o fato de a Psicologia ter sido vista muito tempo como não política?**

Sim, era totalmente. Lembro de um livro da minha época de faculdade, sobre “Psicologia Diferencial”, de uma norte-americana, que era uma coisa muito racista. O livro falava como eram as etnias psicologicamente, as diferenças entre negros e brancos. E era um livro dito “científico”. Então, era uma coisa muito pouco politizada, uma Psicologia Social muito norte-americana. Só havia teoria comportamental, faziam-se experimentos com ratinhos – isso era o principal. Nem Psicanálise havia. Então, acho que, de lá para cá, mudou, mas era um divórcio total. Queriam que a Psicologia fosse uma ciência de laboratório.